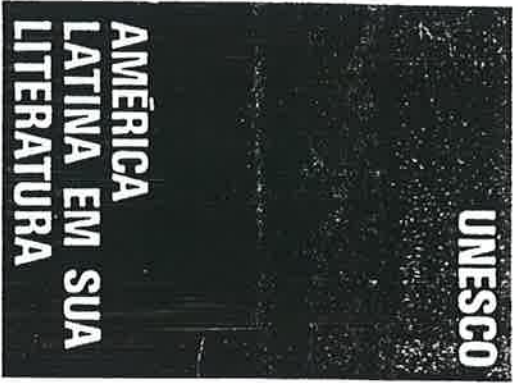


1451A
J-6

LITERATURA



Introdução

César Fernández Moreno

HEROJA
LÚCIA

Por conseguinte, América é o país do porvir. Em tempos futuros se evidenciará sua importância histórica, quem sabe na luta entre América do Norte e América do Sul... É um país de nostalgia para todos os que estão enfiados do museu histórico da Velha Europa... Até agora o que aqui acontece não é mais do que eco do Velho Mundo e reflexo de uma vida alheia. Mas como país do porvir, América não nos interessa, pois o filósofo não faz profecias.

G. W. F. HEGEL¹

O QUE É A AMÉRICA LATINA?

Pois bem: passou-se um século e meio desde que Hegel fez sua profecia sobre a América, embora dizendo que se negava a fazê-la. O que para ele era porvir já é presente para a América; o continente que era para ele natureza, é história já. Ele falava de América do Norte e América do Sul: na do norte situa-se atualmente a nação mais forte do mundo; a do sul, sob o nome atualizado de América Latina, representa uma das idéias mais dinâmicas do mundo atual. Uma série de fatores promoveram-na ao primeiro plano da expectativa pública: o primeiro, a explosão demográfica, se se aceitando essa etiqueta tecnológica aplicada ao fato de alguém nascer; seu crescimento continental é o maior do mundo: 2,9% anual. Atualmente, conta com mais de 270 milhões de habitantes, irregularmente distribuídos em 21 milhões de

1. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*, tradução de J. Gaos, Madri, Revista de Occidente, 1928, t. I.



EDITORIA PERSPECTIVA

1929

América del Norte → la nación + parte de América del Sur
 América del Sur
 ↓
 se actualiza bajo el nombre
 A.L.
 Dinámica: explosión demográfica en contexto de subdesarrollo
 ↓
 crisis
 ↓
 auge de expansión por el Sur
 ↑
 "Inucreción"

quilômetros quadrados. Esta explosão, que se produz no contexto econômico chamado subdesenvolvimento, ameaça transformar-se, por sua vez, em explosão política. Mas o que agora nos interessa especificamente é que a partir desta cadeia de explosões, ou explosão em cadeia, a América Latina vai antecipando uma outra: a cultural.

E, no entanto, a expressão *América Latina* continua sendo notoriamente imprecisa. O que é a América Latina? Em primeiro lugar, por que *latina*? Toda a latinitude começou no Lácio, pequeno território adjacente à cidade de Roma, e foi crescendo em círculos concêntricos ao longo da história: primeiro, até abarcar o conjunto da Itália, ampliando-se logo até a parte da Europa colonizada pelo Império Romano, restringindo-se depois aos países e zonas que falaram línguas derivadas do latim, e transportando-se por fim ao continente americano que esses europeus descobriram e colonizaram. Deste modo, a América Latina viria a ser o quarto anel desta prodigiosa expansão.

Entre as nações que realizaram o descobrimento, conquista e colonização do novo continente, três eram linguisticamente latinas: Espanha, Portugal e França. Uma concepção histórica mais ampla da região deveria, portanto, englobar todas as terras do novo continente que tivessem sido povoadas por essas potências, opostas em conjunto à América anglo-saxã, concentrada no norte.

Já em fins do século XIX - diz Estuardo Núñez - começa-se a diferenciar entre o *norte-americano* e o *latino-americano*, com base no fato de haver-se produzido o fenômeno político da independência do norte... Começa-se a usar, entre os escritores franceses principalmente (e talvez entre todos os europeus), denominações novas para as coisas da América não-saxã: *états latins d'Amérique* que já aparece num livro de 1882, *peuples latino-américains, démocrates latins de l'Amérique*...³

Estas novas expressões remetem um conceito que é ao mesmo tempo racial, cultural e político. Mas ocorre, como nota o próprio Núñez, que elas vêm substituir outras de conteúdo meramente geográfico: *Amérique méridionale*, *Amérique septentrionale*, *Amérique du Sud*, *Amérique australe*...⁴ Criava-se assim o primeiro equívoco sobre a latinitude desta América: no conceito geográfico, a expressão fica reservada ao subcontinente

2. É curioso lembrar que esta divisão básica também se verifica na ordem geológica: a América do Norte e a América do Sul não estiveram unidas em seu nascimento. A primeira integrava o continente chamado Laurantia, junto com a Groenlândia e parte das ilhas britânicas (ilhas que bem cedo serão o ponto de origem do anglo-saxão na América); enquanto que a América do Sul integrou o Gondwana, com a África, a Austrália, parte da Ásia e a Antártida (reivindicada hoje pelos Estados austrais da América Latina).

3. *O elemento latino-americano em outras literaturas*, Cap. 5 da Primeira Parte deste livro.

* Estados latinos da América; povos latino-americanos, demografias latinas da América.

** América meridional, setentrional, do sul e austral.

meridional, basicamente ibero-americano (espanhol e português); no novo, cabem também os franceses radicados na América do Norte.

Com respeito à composição atual da América Latina, José Luis Martínez acentua que

é algo mais complexo do que o simples esquema que subsistia até meados do século. Subsiste o conjunto original de vinte e um países (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, El Salvador, Uruguai e Venezuela). Todavia, Porto Rico é um Estado Livre Associado aos Estados Unidos e os porto-riquenhos têm cidadania estadunidense. Depois de 1960 criaram-se quatro novos países: Jamaica, Barbados, Trinidad e Tobago e Guiana, de língua predominantemente inglesa, que formam parte do British Commonwealth of Nations.⁴

Como se vê, o balanço a que a idéia de latinitude nos leva transborda esta própria idéia. Se tentamos agora retornar à posição originária do homem americano, o adjetivo de América Latina dilui-se na contingência histórica e encontramos submersos na própria substância humana do substantivo, obviamente anterior e alheia ao europeu. E nos defrontamos assim com as grandes culturas de antes do descobrimento, principalmente a meso-americana e a andina.

A conquista do século XVI aniquilou praticamente essas grandes culturas, mas, ao mesmo tempo, deu-lhes nova vida dialéctica, ao transformá-las no *terminus ante quem* de um processo de ocidentalização. Este processo afetou também os demais povoadores da América, que delinham naquele momento num grau inferior de evolução: os que genericamente eram chamados índios pelos descobridores, levados pelo gigantesco erro geográfico que os fazia acreditar terem chegado à Ásia.

No interior da atual América Latina cumpre destacar ademais a presença de outro mundo radicalmente não-latino: o africano. A chamada teoria "dos continentes à deriva" pretende que a América, num remoto tempo geológico, formou uma unidade física com a África e que, dela separada logo depois pelas forças plútonicas de nosso planeta, assumiu sua individualidade como continente. Nessa fabulosa aventura, só a fauna e a flora da África teriam sido arrastadas pelo continente americano, mas não seus homens.

Portanto, os africanos vieram mais tarde à América. Inconscientemente mais tarde, em tempos já históricos. No Caribe verde e transparente, nesse mar que docilmente deixa ver sua intimidade, nessas ilhas que nele se incrustam com luxuriosa orla dupla de musgo e areia, ocorreu durante os séculos XVI e XVII o impecioso fenômeno do tráfico: a instrumentalização dos homens de uma cor por homens de outra cor. Cem milhões foram "caçados" e trasladados da África; só uma terça parte deles teria chegado a seu destino americano. No entanto, este processo teve o sur-

4. *Unidade e diversidade*, Cap. 4 da Primeira Parte da presente obra.

XER

melis

african

100 milhões no 3º parte → Aca

rica Latina seus impérios sucessores, já não no domínio político, mas no econômico.

Esta nota de dependência seria, quem sabe, a primeira a se considerar para determinar o fugidio conceito de América Latina. E, a segunda, sua imersão na polaridade histórica mais forte da atualidade: o abismo que se abre entre os países ricos e os pobres; oposição mais ampla que a anterior, mas não com tradição, com ela já que é ilustrada no conjunto das Américas, onde a anglo-saxã é a rica e a latina, a pobre. Estes dois critérios se complementam e confirmam por um terceiro, mais elementar: o geográfico, em que se apóiam, expressa ou tacitamente, todos os que até agora examinamos. A América Latina seria toda a terra americana que fica ao sul do Rio Grande ou Bravo (que marca o limite dos Estados Unidos com o México). O uso habitual desta expressão (*al sur del rio Grande, o Bravo*) seria prova de sua veracidade: ao sul deste rio existe certa homogeneidade cultural, política, social, linguística, religiosa.

DO ASSOMBRO À ARTE

Repetidamente têm sido assinalados os três incentivos que levaram os espanhóis a colonizar a América: o impulso guerreiro adquirido ao reconquistar seu próprio território de mãos árabes; o misticismo missionário católico; a cobiça (de ouro, de escravos, de mulheres). Entre estes móveis, cada historiador, cada ensaísta, destaca o que mais impressiona sua sensibilidade, mas não há dúvida de que o conjunto dos três fatores aduzidos é o que determina esse processo que haveria de integrar o mundo, praticamente, com a metade que lhe faltava.

Cristóvão Colombo era, de certo modo, um místico; mas isto não o impede de adotar toda uma estratégia para seduzir os Reis Católicos com o ouro do novo continente. "O ouro é excellentíssimo — escreve —, de ouro se faz tesouro, e com ele, quem o tem, faz tudo quanto quer no mundo e chega ao que leva as almas ao Paraíso."⁸ Do ouro ao Paraíso: assim poderia chamar-se uma biografia de Colombo. Como bom espanhol, Lope de Vega herda esta sedução em sua crepuscular *Dorotea*, e sonha que Dom Bela, seu rival, significativamente indiano, chega das Índias é, por mar, até Madrid! Vai afirmando à sua passagem barras de prata e pedaços de ouro; seu aio lhe explica que "o ouro é como as mulheres: todos falam mal delas e todos as desejam". Além da alquimia, além da milagreira filosofia que manejava os metais como princípio e fim de todas as coisas, esta imundação aurífera da América à Espanha foi talvez o que levou a chamar de "século de ouro" os 180 anos de hegemonia que, em todos os campos, a Espanha exerce, durante o século XVI e parte do XVII.

8. Citado por F. A. KIRKPATRICK, *Los conquistadores españoles*, Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina, 1940.

Gostaríamos de acrescentar agora um quarto fator, que é consequência dos outros três: o primeiro sentimento que inundou o coraço dos descobridores e conquistadores, ou seja, o assombro. O de Colombo diante da América beira frequentemente o delírio: quando se aproxima da desembocadura do Orinoco pensa que descobriu um dos rios que vêm do Paraíso; contudo, uma misteriosa enfermidade, que o cega temporariamente, o impede de pisar o continente que estava incorporando à história. Nunca pôde chegar ao México, pois ficou enredado na gigantesca teia das Antilhas; mas previu com toda a lucidez que do outro lado da América Central havia outro mar. Não obstante, acrescenta que a dez dias de jornada desse mar — o Pacífico — "é o Rio Ganges". Talvez Colombo seja, simultaneamente, o maior lucido e o maior louco da história.

Este assombro se repete em cada um dos espanhóis que o seguiram. Os índios que fumam, por exemplo, são descritos pelos conquistadores como "homens e mulheres que passeiam fumigando-se com um tipo de acesso"⁹. Um ambiente de novela de cavalaria ilumina a conquista do México. A cidade de Tenochtitlán — México —, diz o conquistador e cronista Diaz del Castillo, "parecia-se às coisas de encantamento que contam no livro de Arnadis". O próprio Cortés descobre mais ao norte as costas que chama de Califórnia, nome que provém de uma novela de cavalaria. Ninguém podia crer no que lhe estava acontecendo: ninguém era dono de seu destino. Magalhães e Elcano dão a volta ao mundo contra sua vontade: o projeto era retornar ao México, mas os ventos os obrigaram a dobrar, de regresso, o Cabo da Boa Esperança.

Por sua vez, os índios não entendiam esse animal centáurico, composto de homem e cavalo; maravilhavam-se quando um conquistador descia de sua cavalgadura: um ser que se divide em dois! Os Incas acreditavam que os cavalos comiam metal (pelo freio que levavam na boca); quando os espanhóis lhes pedem alimento para os animais, oferecem-lhes ouro! Este assombro dos que lá estavam continua contemporaneamente, já em nível culto. Jorge Luis Borges pergunta:

¿ Y fue por este río de suéteres y barro
que las proas vinieron a fundarme la patria?¹⁰ *

Pois bem: este assombro recíproco é o ovo de onde sairá a cultura latino-americana, toda sua arte criativa. A arte, em geral, não é outra coisa exceto a expressão de um assombro, assombro gerador do impulso de partilhar com os demais aquilo que o artista viu de extraordinário. No caso da América, é este

9. *Ibid.*

10. JORGE LUIS BORGES, *Obras poéticas: 1923-1964*, Buenos Aires, Emecé Editores, 1964.

* E foi por este rio de sonhos e de barro / que as proas vieram fundar-me a pátria?

o impulso que converte em inesperados escritores os próprios conquistadores, até mesmo soldados modestos, quase analfabetos: simples, porém maravilhosamente, contam a surpreendente verdade que viram ou imaginaram ver.

As grandes civilizações pré-colombianas eram ricas em arquitetura, em escultura, em música (esta chegou quase intacta a nossos dias). A cultura europeia trouxe principalmente a língua, a religião, técnicas ali desconhecidas. Mas à medida que a história ocorria, o acervo cultural da América Latina ia-se polarrizando e se oferecendo como uma opção estéril que repelia a situação do conquistador e do conquistado: ser europeu, ser americano. Ou seja:

a) de um lado, a sobrevivência cultural das grandes civilizações que preexistiam ao descobrimento e à conquista, tais como as que têm assento nas atuais repúblicas do México e Peru;

b) de outro, a cultura europeia transportada pelo descobridor e conquistador, como um produto a mais da expansão ocidental que representavam; ou seja, como uma atividade especificamente europeia, embora realizada pelos colonizadores na nova região incorporada a seus domínios.

Esta dicotomia gera uma oposição que durante muito tempo falseará as relações da cultura latino-americana com a europeia, apresentando como única coisa autêntica e original da América Latina aqueles remanescentes das civilizações que não foram afetados pelo impacto da conquista e civilização. Dentro desta concepção, portanto, repeliase a cultura europeia como manifestação colonialista e puramente mimética.

Com efeito, ao serem vencidos militarmente, os primitivos habitantes da América — isto é, os verdadeiros americanos — foram despojados de seus impérios e possessões, recebendo em troca os benefícios, muito discutíveis de seu ponto de vista, da cultura ocidental em expansão. Mas, embora rechaçados até as fronteiras dos impérios e transformados em proletariados externos, tal não se deu a ponto de que se apagasssem sem deixar vestígios. Estiveram presentes sempre, e o estão ainda, já não com influência, porém como componente real deste novo mundo ocidental em formação: nele despiraram muitas das características de suas diferentes civilizações, características que hoje mesmo se contam entre os fatores mais salientes da originalidade da América Latina.

Do próprio descobrimento havia nascido *ipso facto* uma cultura mestiça, não só pela ampla simbiose de raças a que obri-gou a ausência de mulheres nas expedições espanholas, como também pela interpenetração mental que a compreensão recíproca exigia. Os espanhóis precisavam explicar aos americanos o que era Europa, e o que era América aos europeus. Os índios primeiro e os mestiços depois precisaram modificar a consciência que tinham de si mesmos como americanos. A solução para aquela falsa opção entre o americano e o europeu consistiu em ser ambas as coisas, em ser mestiço, real ou metafóricamente: isto é, o homem europeu modificado pela América e vice-versa. Triunfa assim

na cultura superior latino-americana uma concepção sintética de si mesma, onde se reconhecem não só as contribuições das culturas autóctones, mas também as das culturas europeias descobridoras, a fundamental contribuição africana que chega à América através da escravidão, e, por último, a renovação das fontes universais implícitas nos movimentos imigratórios do século XIX.

O Novo Mundo [aiz Paul Rivet] foi, desde a época pré-histórica, centro de convergência de raças e povos. É em verdade curioso que o período histórico da evolução americana não seja senão uma repetição dos acontecimentos étnicos que condicionaram seu povoamento. Desde que foi descoberta, a América continuou sendo um foco de atração para os povos e raças mais diversos, como também o foi durante sua longa povoação pré-colombiana¹¹.

Desta maneira, a possível ascendência asiática e oceânica de todos os povos americanos, e a possível integração geográfica imemorial da América com a África são dados que viriam enquadrar em seu campo máximo a universalidade da América: algo assim como uma antecipação do mundo futuro, onde, para além das raças e das culturas, o homem será uno.

O ESTUDO DA UNESCO

Pois bem: este mundo totalmente humano é precisamente o que uma organização como a Unesco se empenha em suscitar. No caso particular da América Latina, é evidente o impacto atual desta grande região cultural sobre a cultura universal, assim como a concreta indeterminação dos fatores que a configuram como tal. A Unesco não poderia deixar de registrar este paradoxo e prestar-lhe a devida atenção, procurando captá-lo, para defini-lo e dá-lo a conhecer.

O prefácio que se acaba de ler mostra o processo que pôs em marcha o estudo geral de nossa região, o qual, segundo as diretrizes da reunião de Lima, se caracteriza por dois enfoques fundamentais:

a) considerar a América Latina como um todo, integrado pelas atuais formações políticas nacionais. Esta exigência levou os colaboradores do projeto a sentir e expressar sua região como uma unidade cultural, o que veio a favorecer neles um processo de autoconsciência que o projeto pretende estimular, já que foram chamados exclusivamente intelectuais latino-americanos para participar dele;

b) considerar a região a partir de sua contemporaneidade, remontando ao passado, isso sim, quando seja necessário para compreender o presente. Esta precaução levou os colaboradores

11. PAUL RIVET, *Los orígenes del hombre americano*, México, Fondo de Cultura Económica, 1960.

a enfrentar as mais vivas questões da atualidade, enquanto sucedem na região ou nela têm repercussão.

Se algum inconveniente se deriva destes critérios, seria meramente a contrapartida de suas vantagens. O caráter de auto-reconhecimento que o estudo assume, priva-o da visão talvez mais objetiva que poderiam trazer os críticos exteriores à região. A consideração da América Latina como um todo, obriga a deixar de lado, ou pelo menos olhar com menos atenção as características mais localizadas. O enfoque preferencial do conteúdo porâneo leva quicá a esquecer outros valores realizados na região, ao longo de sua história.

Dentro de tais parâmetros, chegamos à apresentação deste livro, o primeiro da série *América Latina em sua Cultura*. Devemos assinalar aqui o acerto que significa a adoção do citado título, cuja estrutura se repetirá em todas as obras da série, a partir da presente *América Latina em sua Literatura*. Por certo o mais significativo desta construção não radica nos substantivos que a integram, mas na preposição "em". Ela sugere claramente que o objeto deste auto-estudo não é a cultura em si, os estilos e sua evolução, o inventário das obras realizadas, mas precisamente a própria América Latina, em ou através dessas manifestações culturais.

Como primeira prioridade para o estudo da cultura latino-americana, a reunião de Lima fixou a literatura, considerando-se esta não mais do que uma forma intensa da linguagem, que é por sua vez o mais direto e profundo meio de comunicação de que dispõe o homem. O caminho não podia ser mais acertado: os escritores desta região, por assim dizer, não têm outro remédio exceto o de expressar o mundo que os circunda e se lhes impõe, crescente e bulhoso, mundo de contradições e desgarramentos, de contemplação e ação aniquiladoras.

Este fenômeno talvez não seja mais do que a manifestação de um outro mais geral, descrito pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro: está acontecendo em nossos dias, assim como aconteceu em todos os momentos de grandes mudanças históricas (no Renascimento ou nos processos de emancipação do século XIX), "que uma nova onda de criatividade intelectual e de consciência possível se expressa criticamente no mundo dos povos desejados"¹². Desta maneira, a linguagem multiforme da América Latina transformase numa literatura cada vez mais crítica, mais potente, mais universal.

Não obstante, em 1957, o escritor argentino Enrique Anderson Imbert assim avaliava a crítica literária da região:

Naturalmente, o que abunda é a irresponsabilidade. De um modo geral, lançam-se opiniões que não estão escoradas nem por uma concepção do mundo nem por um quadro de valores. No melhor dos casos, dessas

12. DARCY RIBEIRO, *Las Américas y la civilización*, t. 1: *La civilización occidental y nosotros. Los pueblos testimonio*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1969.

opções arbitrárias podem-se extrair rudimentos de uma posição crítica muito superficial: dogmática, hedonista, impressionista¹³.

Pode-se considerar esta descrição como síntese de todo um pensamento pessimista sobre a crítica latino-americana, fundada na desesperança geral sobre uma situação cultural que antecipadamente se supõe perniciosa. Mas o tempo passou através de muitas inteligências da região, e é Guillermo Sucre quem agora afirma:

A visão da literatura como um mundo autônomo, com suas próprias leis e estruturas, da obra como símbolo e encarnação imaginária do real, é o que deu um novo tom à crítica latino-americana¹⁴.

Como prova do fato, a solução para este problema preliminar se encontrou no mesmo lugar onde fora levantado: o núcleo inicial de excelentes críticos que agora colaboram nesta obra foi dado precisamente pela reunião interdisciplinar de Lima, 1967, realizada sob a presidência do inesquecível escritor peruano José María Arguedas. Também estiveram presentes a esta reunião os seguintes peritos: Enrique Anderson Imbert, Gustavo Bayhaut, Sérgio Buarque de Holanda, Eduardo Caballero Calderón, George Robert Gouillard, Argeliers León, Guillermo Lohmann Villena, Laura López Campo, Afonso Arinos de Mello Franco, Mario Monteforte Toledo, Ángel Rama, Fryda Schultz de Mantovani e Leopoldo Zea. Nela, o representante do Diretor Geral da Unesco foi o grande escritor francês Roger Caillois, constante propulsor da cultura latino-americana tanto através de suas funções da Unesco, como pessoalmente, sempre inspirado por um profundo fervor para com América Latina, onde residiu parte de sua vida.

Em 1968 constituiu-se a comissão literária que se reuniu em São José da Costa Rica, em agosto desse mesmo ano¹⁵, tendo comparecido ao encontro os seguintes críticos, nos quais o leitor avisado reconhecerá muitos dos principais da América Latina: o equatoriano Jorge Enrique Adoum, o chileno Fernando Alegría, o brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, George Robert Gouillard (inglês radicado na Jamaica), os argentinos Noé Jirón e Luis Emilio Soto, o mexicano José Luis Martínez, os perua-

13. Citado por GUILLERMO SUCRE, "O questionamento", Cap. 2 da Terceira Parte deste livro.

14. *Ibid*

15. Na reunião de Lima, junto com Alfredo Pissarro de Oyagüe, teve a honra de colaborar com Roger Caillois; na de São José teve a responsabilidade de representar o Diretor Geral da Unesco. Quanto às minhas tarefas de *editing*, não me teriam sido possíveis sem o constante apoio das autoridades competentes no respectivo setor da Unesco, e muito especialmente o de N. Baumhale, diretor da Divisão do Estudo das Culturas. Também contei com a valiosíssima cooperação do relator da obra, Julio Ortega, e do revisor Héctor L. Arena, e com a paciente colaboração dos autores de cada capítulo da obra. Ao longo dela, dever-se-á desculpá-los algumas menções a minha obra literária pessoal, que alguns dos co-autores não houveram por bem omitir, nem as autoridades da Unesco, por eliminar.

nos Julio Ortega e Augusto Tamayo Vargas, o cubano José Antonio Portuondo, os uruguaios Ángel Rama e Emir Rodríguez Monegal.

A partir das recomendações desta reunião de críticos, consulti-se, por sua vez, a atual lista de autores, em que, além de um exigente critério qualitativo, procurou-se respeitar a divisão regional sugerida pela reunião de Lima. Doze nacionalidades da América Latina estão assim representadas pelos autores da presente obra: deste modo, os autores ficaram equilibradamente distribuídos para oferecer os pontos de vista e concepções próprios de cada uma de suas zonas, embora sempre aplicados ao conjunto da América Latina.

A globalidade da visão regional obtém-se, em última instância, por compensação: visto que não é possível exigir sua existência em cada escritor escolhido, a delimitação fixada pela reunião de Lima atua à maneira de câmara compensadora; a visão metodicamente total de cada escritor há de descompensar-se de fato em favor de sua sub-região, tanto como nos outros em favor das suas. O resultado final desta operação um pouco arriscada poderá ser, esperamos, essa visão global sem a qual este livro perderia parte de seu sentido.

Sem procurá-lo, e como simples resultado das decantações descritas, chegou-se também a uma certa unidade geracional. Predominam entre os autores dois grupos, nascidos respectivamente em torno ao ano de 1920 o primeiro, e em torno ao ano de 1930, o segundo, cujos representantes integram o que se chamou, em alguns países da região, sem excessiva precisão mas com certa veracidade, gerações de 1940 e 1950. Sejam exemplo da primeira: Alegria, Cándido e Martínez, nascidos em 1918, Bendeditt em 1920, Rodríguez Monegal em 1921; e da segunda: Jitrik e Prieto, nascidos em 1928, Bareiro Sagüer e Fernández Retamar em 1930, Campos em 1929 e Sucre em 1933. Estes dois grupos básicos se apóiam em alguns mestres de mais idade e se projetam para o futuro em alguns escritores mais jovens.

As partes e capítulos em que os especialistas sugeriram dividir a obra — com as modificações e adições que foram propostas pela Secretaria — são, finalmente, as que se seguem:

I. *Uma literatura no mundo*. Seus seis capítulos mostram a irrupção ou a "malorridade" da literatura latino-americana no panorama mundial: analisam-se os encontros de culturas na região, sua pluralidade lingüística, seu impacto em outras literaturas.

II. *Rupturas da tradição*. Precisam-se os pontos em que a literatura latino-americana começa a renovar-se mediante a recriação do barroco, crise e novas formas do realismo.

III. *A literatura como experimentação*. Com um critério mais especializado do que o da segunda parte, os capítulos da terceira assinalam os aspectos em que a nova literatura latino-americana se lança a experimentar, questionando as estruturas vigentes, entre elas, as da própria literatura.

IV. *A linguagem da literatura*. Estuda a ampliação do conceito literário, a entrada de novas linguagens na literatura, e a

dela em outras linguagens, e finalmente, a maior intercomunicação de que gozam as diferentes zonas da América Latina como consequência desta ação literária.

V. *Literatura e sociedade*. Aqui se assinalam as relações fundamentais da literatura com seu meio: literatura e subdesenvolvimento, situação do escritor.

VI. *Função social da literatura*. Esta última parte da obra põe, em conexão com mais detalhe, os conceitos de literatura e sociedade, levantados pela anterior: a influência da literatura, os conflitos geracionais. Um capítulo final expõe a imagem geral que se pode extrair da América Latina através de sua literatura.

Em seu conjunto, este plano constitui uma tentativa de apreensão, a que se poderia talvez chamar existencial, da América Latina, através de sua expressão literária. O processo desta expressão é considerado ao longo de todas as suas etapas:

- a) o escritor, sua situação na sociedade, as atividades paraliterárias e extraliterárias a que deve dedicar-se por vocação ou por necessidade de subsistência;
- b) o meio social em que vive este escritor, e de onde extrai os materiais para sua elaboração literária;
- c) a obra literária em si, com um critério estético, filológico e estrutural;
- d) a repercussão desta obra em seus destinatários: os homens em particular, e a sociedade em geral, analisando-se todas as implicações sócio-econômico-políticas desta última parte do processo.

Correlativamente, todos os métodos críticos foram admitidos: os que fixam sua atenção no escritor e em seu meio, na própria obra ou em seus destinatários. Mas, essencialmente, a via ensaística, com o que o ensaio tem de poético — isto é, de intuitivo, de adivinatório, pareceu-nos a mais adequada para encarar esta realidade fluida, móvel, que é hoje a América Latina. Não se espere, pois, um rigor científico, uma precisão sociológica ou estética, uma ordenação histórica, mas o nervoso saltar do pensamento sobre uma realidade que também se desloca imprevisivelmente, como um potro não domado.

De acordo com uma atualizada concepção de crítica literária, que a própria obra procura não só explicar mas exemplificar, buscou-se, além disso, que os autores escolhidos unissem capacidade criativa a conhecimentos críticos. Por estes caminhos, a Unesco talvez tenha conseguido fazer uma obra de crítica literária que é, ao mesmo tempo, uma obra literária.

CONCLUSÃO E COMEÇO

Frente a este primeiro volume da série *América Latina em sua Cultura*, convém retomar nossa aspiração mais geral: o conhecimento adquirido sobre a literatura deve servir-nos para recolocar, através dela, nosso problema inicial: o que é América Latina? Já deveríamos talvez sabê-lo, dado que a expressão integra o nome do projeto. E, no entanto, não o sabemos ainda.

TERCIA
LUCIA

Temos diversos conceitos a seu respeito: jurídicos, culturais, políticos, históricos. Mas ainda não está bem completado, não está claramente definido um conceito geral que englobe todos os particulares.

A unidade da América Latina parece indubitável a partir de toda a sua história, mas, durante o processo de formação das nacionalidades operado no século XIX, esta se perdeu de vista, em função das circunstâncias políticas, econômicas e culturais que dominaram tal processo. Tudo isto é dito com um sentido não dogmático, mas precisamente crítico. Em outro termo, que também não damos por demonstrada *ab initio* essa unidade da América Latina: trata-se, antes, de uma hipótese de trabalho da qual partimos e que será comprovada ou não ao longo da obra.

Por isso solicitamos a todos os que colaboram no projeto que procurem encarar seus trabalhos a partir desse conceito de unidade. Satisfazer tal pedido apresentou, é claro, sérias dificuldades, dada a tradicional falta de comunicação que sempre houve entre os países da América Latina, principalmente no que se refere às suas duas regiões linguísticas: há na América Latina uma enorme zona, quase um continente em si, que fala português, e que nem sempre tem uma visão completa do que se produz na zona que fala espanhol, e vice-versa.

Os especialistas que não de trabalhar em todas as etapas do projeto chegaram a totalizar uns duzentos, contatos entre os mais importantes da intelectualidade latino-americana. Creio que o simples fato de se pedir a estes intelectuais, como ponto de partida, uma concepção da América onde devem pensar, ao mesmo tempo, nessa zona que fala português e nessa zona que fala espanhol, constitui por si só uma enorme vantagem para a cultura criadora da América Latina. E que servirá para alcançar, se não a forçosa afirmação daquela suposta unidade, pelo menos uma consciência mais clara desta unidade na medida em que exista ou possa ser comprovada.

Partimos desta petição de princípios tentando superá-la: o que o projeto procura captar é o conceito mesmo de América Latina, através de suas manifestações culturais, restabelecidas em sua unidade histórica e geográfica. De forma um tanto familiar, poderíamos dizer que se conhece uma pessoa por seus feitos. Pois bem, trata-se de conhecer este enorme conglomerado cultural precisamente por seus feitos culturais, por suas criações literárias, plásticas, arquitetônicas, musicais; entender-nos de quem é essa região através dos espetáculos que produz, através das idéias que emite.

Os colaboradores do projeto estão trabalhando à maneira do radiologista ou do psicanalista, no seio das mais intensas manifestações do inconsciente latino-americano: seus produtos artísticos e literários. Sobre eles traçam imediatamente as devidas coordenadas racionais: sociológicas, econômicas, ideológicas. É assim que a Unesco espera obter a precisão intelectual desta idéia provisoriamente denominada América Latina. No momento atual, o mundo inteiro, e não só a América Latina, se "apequena"

em função da tecnologia, e parece urgente favorecer essa tomada de consciência.

Por ora, só temos uma clara intuição desta região que vai impondo ao mundo seus produtos culturais, seus homens, seus mitos. O objetivo deste projeto da Unesco, em geral, e deste livro, em particular, não é outro senão transformar esta presente intuição nesse ausente conceito. Os beneficiários de tal conhecimento serão, primeiro, os próprios intelectuais latino-americanos que colaboram no projeto e, em seguida, o público no maior raião que seja possível alcançar. Esta obra coletiva ajudará à tomada de consciência dos latino-americanos sobre a real originalidade e possível unidade da região que integram, finalidades que se situam juntamente no próprio eixo deste projeto.

Trata-se de um empreendimento que, como todos os que têm valor para os homens, parte de uma ignorância esperançada e se dirige para um conhecimento ansiado. O que é a América Latina? A única coisa certa que sabemos a seu respeito, por ora, é que é nossa.

XERÓX
LUCIA